

*O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer as peraltagens.*

*Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor.*

Manoel de Barros, 1998

É possível conhecer o mundo a partir do som? Como enunciar e ouvir um mundo que, ao mesmo tempo em que se destrói, está a todo o momento se (re)inventando? Partindo dessas questões norteadoras, *Terralíngua* apresenta os desdobramentos da pesquisa poética de Camila Proto. A artista explora as potencialidades da linguagem, da imagem e do som, bem como os diálogos transdisciplinares entre arte e ciência. De tais relações, eclodem trabalhos materializados em diferentes mídias e suportes.

Para além de sua inserção acadêmica, Proto teve sua trajetória marcada por relações cotidianas e afetivas que, em certa medida, influenciaram sua formação como pesquisadora e artista visual. Entre tantos atravessamentos e incógnitas que fornecem seus percursos de vida por expedições científicas, no colo da mãe paleontóloga, e interesse musical, na cacunda do pai arquiteto, destaca-se o tensionamento das fronteiras usualmente determinadas entre verdade e ficção. Observa-se, assim, que sua produção se posiciona *entre* disciplinas, criando um espaço-tempo repleto de narrativas misteriosas que despertam a curiosidade e desafiam a crença em uma ciência definitiva e incontestável.

Dessa forma, a produção aqui disposta ata-se à ideia de se deslocar por uma zona de suspeição das certezas previamente estabelecidas e deixar-se disponível a vias de experimentação. Em cada uma das salas, o visitante é convidado a participar de propostas imersivas e tecnológico-interativas. Ao apostar no som como disparador e/ou elemento estruturante, as instalações instigam o público a pensar formas outras de se relacionar com um mundo em constante transformação.

O processo de inventividade de Proto revela uma dimensão crítica que é sutil, mas está iminente nos seus modos de construção e ativação. Distante de um conhecimento pré-determinado, estruturado e dominante, a artista acredita no agenciamento como meio para a resistência, bem como dispositivo capaz de engajar a relação entre o público e os espaços percorridos ou habitados.

Como o menino que fez uma pedra dar flor na poesia de Manoel de Barros, Camila Proto também fez prodígios: realizou uma espécie de expedição para pesquisar microerosões não-humanas e fantásticas; fez uma misteriosa ilha sonora surgir no lago Guaíba; viajou pelo corpo humano captando os sons de suas cavidades; com a utilização de

um fonógrafo, revelou os segredos guardados por sua coleção de conchas e rochas; transformou relevos em linhas de texto e vice-versa.

Enfim, ao assumir uma outra postura diante da verdade e conectar questões transdisciplinares e ficcionais, a artista nos faz duvidar de nosso próprio pensamento. É nesse aspecto, pois, que sua poética aponta o caráter inventivo do conhecimento e oferece possibilidades de refletir sobre o papel da arte na abertura de modos de fazer e se posicionar nos diversos campos do saber, descolados de visões essencialistas e hegemônicas.

DIEGO HASSE  
curador